

PERCEPÇÃO DOS AGENTES COMUNITÁRIO DE SAÚDE SOBRE O CUIDADO EM LIBERDADE NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL¹

Vanessa Ribeiro Pires², Edite Lago da Silva Sena³

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender a percepção de Agentes Comunitários de Saúde sobre o cuidado em liberdade no contexto da saúde mental. Trata-se de uma pesquisa fenomenológica, desenvolvida entre setembro de 2024 e agosto de 2025, no município de Jequié, Bahia, Brasil. Contou com 10 participantes vinculados a duas Unidades de Saúde da Família, que possibilitaram a produção das informações mediante a técnica de Grupo Focal. O material empírico produzido foi submetido à técnica Analítica da Ambiguidade. Os resultados revelaram: fragilidades no conhecimento dos Agentes Comunitários de Saúde sobre saúde mental, o que favorece práticas centradas na medicalização, reforço ao modelo biomédico e limite ao cuidado integral; compreensão da saúde mental como um processo que oscila entre equilíbrio e desequilíbrio, atravessando tanto os usuários quanto os próprios trabalhadores. Concluímos que o estudo mostrou-nos limites, desafios e possibilidades para o fortalecimento do cuidado em saúde mental na Atenção Primária; e a fenomenologia permitiu compreender o modo como os participantes percebem o cuidado em liberdade, destacando a necessidade de ampliar o debate sobre o tema também no âmbito universitário.

PALAVRAS-CHAVE: Agentes Comunitários de Saúde, Atenção Primária à Saúde, Cuidado em Liberdade, Saúde Mental.

COMMUNITY HEALTH WORKERS' PERCEPTION ABOUT FREEDOM CARE IN THE CONTEXT OF MENTAL HEALTH.

ABSTRACT

This study aims to understand the perception of Community Health Agents regarding care in freedom in the context of mental health. It is a phenomenological research conducted between September 2024 and August 2025 in the municipality of Jequié, Bahia, Brazil. It involved 10 participants linked to two Family Health Units, which enabled the production of information through the Focus Group technique. The empirical material produced was submitted to the Ambiguity Analytical technique. The results revealed: weaknesses in Community Health Agents' knowledge about mental health, which favor practices centered on medicalization, reinforcement of the biomedical model, and

¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

² Vanessa Ribeiro Pires. Graduanda em enfermagem, bolsista de iniciação científica/CNPq pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 202020301@uesb.edu.br¹

³ Edite Lago da Silva Sena, Enfermeira. Doutora. Professora do curso de Enfermagem e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: edite.lago@uesb.edu.br²

limitation of comprehensive care; understanding of mental health as a process that oscillates between balance and imbalance, affecting both users and the workers themselves. We conclude that the study showed us the limits, challenges, and possibilities for strengthening mental health care in Primary Care; and phenomenology allowed us to understand how participants perceive care in freedom, highlighting the need to broaden the debate on the topic also within the university context.

KEYWORDS: Community Health Agents, Primary Health Care, Care in Freedom, Mental Health.

INTRODUÇÃO

Os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) desempenham papel essencial na mediação entre famílias e equipe da Estratégia de Saúde da Família (ESF), sendo indispensáveis para a promoção da saúde mental, pois, inseridos na comunidade, identificam necessidades e contribuem para um cuidado integral (Kessler et al., 2022). A saúde mental é entendida como estado de bem-estar no qual a pessoa reconhece suas capacidades de lidar com o estresse cotidiano, trabalhar de forma produtiva e contribuir para a comunidade (OMS, 2022).

O cuidado em liberdade, base do modelo psicossocial, prioriza a inclusão social, a autonomia e a integração das pessoas em sofrimento mental na comunidade (Amarante, 2007; Leão, 2024). Na Atenção Primária, os ACS atuam como mediadores, identificando precocemente sinais de sofrimento e acompanhando segundo a realidade local.

No entanto, seu trabalho enfrenta desafios como estigma, necessidade de capacitação contínua e falta de recursos especializados, o que pode comprometer a eficácia do cuidado (Zanchetta, 2024). Por outro lado, a proximidade com as famílias permite aos ACS perceber nuances do cotidiano e enriquecer as práticas em saúde mental.

Diante do exposto, compreender a percepção desses profissionais possibilita identificar lacunas, fortalecer políticas públicas e aprimorar práticas que favoreçam um cuidado integral e humanizado (Pupo, 2020). Para tanto, o estudo partiu da seguinte questão: Como os Agentes Comunitários de Saúde percebem o cuidado em liberdade no contexto da saúde mental? A fim de responder a essa pergunta, o objetivo consistiu em: compreender como Agentes Comunitários de Saúde percebem o cuidado em liberdade no contexto da saúde mental.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa fenomenológica segundo a abordagem de Maurice Merleau-Ponty, realizada com 10 ACS vinculados a duas Unidades de Saúde da Família, localizada em um município do interior da Bahia, Brasil. A produção das informações ocorreu por meio da técnica de Grupo Focal.

A análise do material produzido ocorreu por meio da técnica *Analítica da Ambiguidade*, desenvolvida para a compreensão de achados em pesquisas que se apoiam no referencial teórico de Maurice Merleau-Ponty, assim como em outros estudos qualitativos voltados à investigação da percepção humana (Sena et al., 2010).

Foram respeitadas as disposições legais da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012, sendo este estudo um subprojeto da pesquisa intitulada: Percepção de diversos atores sociais sobre o cuidado em liberdade no contexto da saúde mental, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB, segundo o parecer nº 6.824.229.

As informações produzidas juntos aos participantes permanecerão confidenciais, e o anonimato deles será mantido por meio do uso de codinomes. Para tal, optamos pela utilização da sigla referente à Agente Comunitário de Saúde (ACS); seguida de numeração sequencial, como por exemplo: ACS1; ACS2, ACS3, e assim sucessivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

À leitura do material empírico produzido e submetido à *Analítica da Ambiguidade*, revelou duas categorias: “Desconhecimento que gera descuido” e “Saúde mental como experiência de oscilação entre equilíbrio e desequilíbrio”.

A primeira revela a falta de conhecimento específico sobre saúde mental entre os ACS e como isso compromete a qualidade do cuidado. Achados do estudo corroboram com a literatura que como os profissionais ainda associam o tratamento quase exclusivamente ao uso de medicamentos, reforçando o modelo biomédico, que prioriza a medicalização em detrimento de abordagens psicossociais (Silva, 2022). Conforme a descrição seguinte: *Só existe o medicamento, não? Mas, assim, aqui em Jequié, eu nunca vi outro, não [...] Pouquíssimos têm acesso ao psicólogo (ACS 1).*

A medicalização reforça a neoinstitucionalização, mantendo o usuário como consumidor de fármacos e recorrendo à internação quando a medicação não alcança o efeito esperado, sustentando a lógica do cuidado pela restrição da liberdade e do isolamento em instituições como centros de recuperação ou casas terapêuticas (Oliveira, 2021).

A segunda categoria, desvela a percepção sobre a saúde mental como algo que oscila entre equilíbrio e desequilíbrio, ou seja, é marcada pela ambiguidade entre o sentir e o saber biomédico (Merleau-Ponty, 1996). Os ACS reconhecem sinais sutis no território e associam o cuidado à autonomia e à liberdade, apesar da medicalização persistente. Como disse: *Oscilação do humor: uma hora alegre, eufórica, outra hora para baixo* (ACS 3). Nesse contexto, tal oscilação não se restringe apenas aos usuários, mas atravessa também os próprios trabalhadores, já que o processo envolve o impacto das condições de trabalho sobre quem cuida (Ndulue; Chukka; Naslund, 2024).

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

Mediante os resultados apresentados foi possível concluir que os ACS ainda não se familiarizaram plenamente com as práticas condizentes com o modelo psicossocial de cuidado em saúde mental, estabelecido a partir da reforma psiquiátrica e da desinstitucionalização. Embora reconheçam a importância do cuidado em liberdade, percebemos uma tendência a naturalizar o uso exclusivo de medicamentos e a valorizar espaços de institucionalização, como centros de recuperação. O estudo cumpre seu objetivo ao revelar a percepção dos ACS sobre o cuidado em saúde mental, ainda que limitada quanto à compreensão de como se realiza o cuidado em liberdade nesse contexto; e contribui socialmente ao indicar a necessidade de capacitação e suporte para fortalecer práticas de cuidado integral e comunitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMARANTE, P. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
2. KESSLER, Marciane et al. Prevalência do não recebimento de visita domiciliar pelo Agente Comunitário de Saúde no Brasil e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 4253-4263, 2022.
3. LEÃO, Carolina. **A Política de Saúde Mental em Contrarreforma**. Editora Dialética, 2024.
4. MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
5. NDULUE, Oluchi I.; CHUKKA, Anand; NASLUND, John A. Burnout e sofrimento mental entre agentes comunitários de saúde em países de baixa e média renda: uma revisão de escopo de estudos durante a pandemia de COVID-19. **Jornal de Saúde Global**, 2024.
6. OLIVEIRA, J. D.; JARDIM, M. C.; SILVA, S. J. D.. Sindicalismo, reestruturação produtiva e capitalismo financeiro no Brasil. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 41, n. 2, p. 426–443, abr. 2021.
7. **ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS**. Saúde mental: fortalecendo nossa resposta. 17 jun. 2022.
8. PUPO, Ligia Rivero et al. Saúde mental na Atenção Básica: identificação e organização do cuidado no estado de São Paulo. **Saúde em Debate**, v. 44, n. spe 3, p. 107-127, 2020.
9. SENA, E.L.S. et al. **Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomeno lógica em saúde**. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v.3, n.4, p.769-75, 2010.
10. SILVA, Luisa Fernandes de Mello et al. " O ACS é o para-raios": **a saúde mental dos agentes comunitários no contexto de reorganização da Atenção Primária à Saúde no Rio de Janeiro**. 2022.
11. ZANCHETTA, Margareth Santos et al. Estratégias na atenção primária à saúde no pré-natal e puerpério: o papel dos agentes comunitários de saúde: Papel do ACS na saúde da mulher. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 37, 2024.